

A PERFORMANCE COMO TENSIONAMENTO DE MASCULINIDADES PERIFÉRICAS E DE BIXA PRETA

GABRIEL HENRIQUE DE ALMEIDA¹; THIAGO PIRAJIRA CONCEIÇÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – linfoutdoc@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thiagopirajira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco discutir alguns elementos do processo de criação de uma performance artística e seus desdobramentos, amparados pelos estudos das Relações Étnico Raciais. A performance “Cultura da Neca Trucada” usada como objeto de estudo neste escrito, com criação e interpretação do autor deste texto, vem sendo elaborada desde 2023, construindo cenas, textos, reflexões e debates sobre os assuntos abordados. Movido pela pergunta inicial da pesquisa “o que é ser um homem negro?”, temas como masculinidades negras, cultura LGBTQIAPN+ e vivências periféricas ressaltam neste processo criativo. A pesquisa, em andamento, utiliza linguagens artísticas como a dança, o teatro, a performance bem como escritos literários, como possibilidades de tensionamentos entre as categorias artísticas e suas possíveis reverberações no processo. Para tais reflexões, o trabalho dialoga com o livro *Bixas Pretas: discidências, memórias e afetividades* (OLIVEIRA, 2022); o artigo *Narrativas de Dança de um Artista Negro em Espelhamento a Saberes e Conceitos de Autoras Pretas* (TAVARES; SILVA, 2024); e o artigo *Afrotempos: criação e deslocamentos em Mesa Farta, do grupo Pretagô* (CONCEIÇÃO, 2023).

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada a partir do processo de criação da performance “Cultura da Neca Trucada”, sendo o próprio processo de construção um caminho metodológico onde puderam ser discutidos os temas apresentados neste texto. O processo de criação envolveu ensaios práticos que resultou na elaboração de cenas onde foram articuladas ideias do autor, inspiradas por vivências, relatos, memórias e a própria experiência do pesquisador como homem cis, negro e gay.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta investigação, em andamento, se encontra na terceira fase. A primeira foi impulsionada pela pergunta “O que é ser homem?”, onde busquei no meu repertório de vida momentos que me percebi atravessado pelos marcadores de gênero, raça, territorialidade e sexualidade. É ressaltado nessa fase que desde quando existo como bixa preta (OLIVEIRA, 2022) recebi ataques diretos e indiretos por conta da forma como existo no mundo: meu caminhar rebolando, meu jeito de falar, minha gestualidade entre outros códigos corporais e culturais. A ideia era repaginar a imagem do homem cis, gay, negro, afeminado e periférico brasileiro, esse que é tido como escrachado, estranho e colocado como “o outro”

e resignificar esses conceitos com o objetivo de “[...] criar estratégias para nos desvencilharmos das armadilhas brancas concentradas nas epistemologias dominantes, que tentam esmagar nossa subjetividade e assujeitar nossos corpos *pretosbixas*” (OLIVEIRA, 2022). A segunda fase deu na construção da performance, um solo onde utilizo as reverberações da fase inicial para criar o trabalho “Cultura da Neca Trucada” e apresenta-la para o público em eventos e seminários de pesquisas e espaços culturais. O terceiro momento no qual esta escrita se encontra, busca refletir e agir sobre os respaldos e percepções deparadas após as mostras teórico-práticas deste estudo para o público e pesquisadores. No trabalho prático queria que meu corpo negro fosse minha maior ferramenta para conduzir esta narrativa. “Tomadas por distintas abordagens, concepções, contextos e realidades, as pesquisas negras na área revelam consensos que articulam uma inseparabilidade do corpo, dos modos culturais e suas práticas coletivas no fazer cênico” (CONCEIÇÃO, 2024). Na procura de elementos concretos para relacionar com meu corpo enquanto obra me deparo com a banana, inspirado pela performance de Paulo Nazaré “Mercado de banana/Mercado de arte” que por razão discute as relações de poderes por meio da simbologia da banana, produto de baixo valor no mercado, em relação ao homem latino. Entendendo que a banana ocupa uma analogia fálica também, falo que é lugar de questionamento dentro desta pesquisa, aproprio-me desse elemento como ferramenta para tentar comunicar uma desvalorização que pessoas de cor tem em âmbitos sociais e pessoais, e o dinamismo com a objetivação de corpos negros. Dentro do processo apareceram elementos que me afetam diretamente e tive que lidar com elas: o corpo-objeto, a hiperssexualização, o desafeto masculino entre outras coisas que sempre vão aparecendo no meu caminho. A homofobia, o racismo, as minhas inseguranças são desconfortos que se tornam dilatados e percebidos, tanto nas horas de ensaio quanto ao interagir com um vizinho. “[...] para um homem negro, para dançar é preciso passar por essa série de confrontos familiares, que envolvem tanto questões de gênero quanto do mundo do trabalho remunerado, ou seja, questões de classe” (TAVARES; SILVA, 2024). Apresentei esse trabalho em dois eventos: 9^a Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIPE); A Terça-Feira, Hablações: Cultura da Neca Trucada. Todos eles com um impacto no meu corpo em relação ao mundo. Uma coisa que me estranhava pós apresentação era uma ausência de debates em relação as propostas que eu trazia em cena, em específico de pessoas negras e dissidentes. Isso me atravessou, fiquei frustrado pelo trabalho não ter os alcances que almejava, fiquei inseguro com meu órgão genital, tive medo de sair na rua pós apresentação movido pela homofobia presente neste país, pairou um sentimento de recusa pós essas tensões. Consciente de que o artista não tem que justificar sua obra caso não queira, ainda me voltava ao início da proposta performativa, trazendo todas aquelas questões de humanidades negras em debates através do meu corpo. Com a lupa da indagação encontrei um ponto. É justo o artista querer comunicar suas dores enquanto ser social, trocar com quem assiste suas angústias e dores do peito, no tocante das artes cênicas. Mas eu estava chamando as pessoas negras, ali, em seu furo de rotina para trazer a eles dor? Mostrar prisões? Pensei que por essa via pudesse estar dando espaço para o colonialismo falar o que ele acha sobre nossa existência, em busca de romper com essas reproduções pessoas negras podem também no ato de criar narrativas projetam futuros e passados livres e distante da dor. “[...] para além da dor, também não é fácil nomear e se experimentar a partir de nossas vivências, referências, sem corroborar, em algum

nível, com o que está posto e é esperado de nós, pessoas negras.” (CONCEIÇÃO, 2024). Citei que uso a banana como objeto performático, masturbo-a, obscenidades são criadas cenicamente em relação a meus atravessamentos como pessoa, como se pudesse trocar o pênis por banana, carne humana por mercadoria. Como bem lembrado na letra da música “A Carne” de Elza Soares, “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. Lá pelo fim da performance já descasquei e mordi metade desta fruta, em seguida cuspo a mastigação e esfrego o mastigado de banana em meu pênis. O que é humano e o que é produto? Pensar a performance com seus símbolos pós apresentações foi algo muito construtivo, foi repensado usar a banana em cena, essa fruta associada a pessoas negras é por muito tempo uma arma racista que desumaniza pessoas negras. Há inúmeros episódios que em atos criminosos meliantes atiraram bananas em pessoas negras com o intuito de violentar, como por exemplo em 2014 quando “Durante o jogo do Barcelona contra o Villarreal, o lateral-direito Daniel Alves foi vítima de racismo quando um torcedor jogou uma banana no meio do campo, onde ele ia cobrar um escanteio.” (BAND.COM.BR). Buscando fugir destas armadilhas sobre corpos de pessoas negras que foi removido a banana temporariamente da obra. “Ao mesmo tempo que a violência é reativada pela memória colonial, as presenças negras reoperam tecnologias ancestrais, ou seja, uma série de relações criativas e inventivas, como estratégias de sobrevivência e recriação.” (CONCEIÇÃO, 2024). Algumas pessoas que assistiram o trabalho me apontou como referência Luiz Abreu, dançarino e performer, criador da obra “O samba do crioulo doido” (2004). Saber que pessoas produziram plasticidades onde eu me reconheça só reforça o como nossos corpos em diferentes localidades exprimem e fogem da opressão colonial e que isso inevitavelmente cria imaginários e possibilidades de passado, presente e futuro. Os reflexos que vem de Luiz me fizeram sonhar. Vejo que não estou sozinho nessa e que há outros homens negros em festivais, palcos, universidades exercendo o poder de ser quem quiser ser, falar o que pensa e criando suas narrativas “Escrever, ver e se ver em corpos de outros homens negros torna-se um modo de vislumbrar o coletivo corporificado em histórias de vidas similares, já que em algum momento de suas vidas essas histórias se cruzam, parecendo mudar somente o endereço [...]” (TAVARES; SILVA, 2022). Pausei as apresentações da performance “Cultura da Neca Trucada” com o intuito de repensar o trabalho, buscar referências que dialoguem mais com a cura do que com a exposição da dor, apresentar essa obra também mudou minha relação com meu órgão genital, a insegurança de sair na rua pós apresentação e o medo de ter ferido meus irmãos negros e negras por esses e outros atravessamentos foi instigado uma renovação. .

4. CONCLUSÕES

Trazendo os pensamentos de Nego Bispo imagino que o processo criativo de um trabalho é formado pelo “Começo, Meio e Começo” e que a pesquisa é um campo de muitas perguntas como caminho, e que nesses caminhos este trabalho segue mudando e apontando novas direções. Um caminho encontrado é a busca pelos amores e prazeres de pessoas negras como radicalidade da cena, trazer com ações, imagens, sons, gestos que reforcem as subjetividades negras no mais belo de suas execuções. “No ato de reinscrever sua narrativa, no qual são

grafadas informações positivas, desestabilizam-se os estigmas postos ao corpo e articulam-se novas formas de estar no mundo.” (CONCEIÇÃO, 2024). Este fluxo de pesquisa se permite agora encontrar a rosa em meio aos espinhos, quais momentos desta masculinidade negra, periférica e de bixa preta tem de mais belo, dramático poético? Para que dá próxima vez que comunicar outras pessoas por meio desta performance novamente seja através de um reconhecimento pela liberdade. Se reconhecer por viver no mesmo espaço de um homem negro livre celebrando com dança.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, W. S. Quem tem medo da bixapreta professora? (R)Existênci(s), música(s) e educação. In: SOUZA, Davi; SANTOS, Daniel; ZACARIAS, Vinícius; (org.). **Bixaspretas: discidências, memórias e afetividades**. São Paulo: Editora Devires, 2022. cAP. 5, p77-91.

CONCEIÇÃO, T. P. Afrotempos: criação e deslocamentos em Mesa Farta, do grupo Pretagô (Porto Alegre, Brasil) **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre, v. 14, n. 1, e131511, 2024.

TAVARES, L. C.; SILVA, S. W. da. Narrativas de Dança de um Artista Negro em Espelhamento a Saberes e Conceitos de Autoras Pretas. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre, v. 14, n. 2, e132183, 2024.